

DO AFRO-PATRIMÔNIO AO REPERTÓRIO DE CONHECIMENTO

No presente trabalho pretendemos informar as trilhas percorridas do afro-patrimônio ao repertório de conhecimento, formulações que se inscrevem no percurso inicial de um projeto de pesquisa do mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG).

O problema desta pesquisa refere-se à invisibilização produzida ativamente sobre presença negra na memória da cidade de Belo Horizonte. No percurso inicial considerávamos ler este problema a partir do conceito de patrimônio cultural afro-brasileiro (PASSOS; NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2016) e propúnhamos perceber tal presença por intermédio das ações do Museu de Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), que constitui-se nessa perspectiva. As pesquisas e ações desenvolvidas pelo Muquifu têm reelaborado a discussão acerca da presença negra na cidade e evidenciado de que maneira ocorreram silenciamentos e apagamentos. Em 2019, o coletivo realizou a *Ocupação Negricidade*, que atualmente se configura enquanto um projeto de pesquisa, como culminância das pesquisas que localizaram a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, pertencente à Irmandade do Rosário dos Pretos, que, juntamente com seu cemitério, datam dos tempos do Arraial Curral Del Rei, período anterior à construção da capital mineira. A investigação localizou o que foi apagado da história oficial da cidade, a igreja e seu cemitério, sem a menção de sua existência. O asfalto cobriu, apagou. Atualmente, a região em que se localizava a igreja compõe a região centro-sul da cidade.

Nos interessava, a partir das ações realizadas pelo Muquifu, adensar as problematizações acerca da invisibilização produzida ativamente, bem como, a identificar *continuidade histórica* (NASCIMENTO, 1976) do povo negro na cidade seguindo o deslocamento de patrimônio proposto pelo coletivo.

A desnaturalização da cidade e de seu patrimônio, ou seja, sua historicização tendo como referência a presença negra nesse espaço, estava presente em nossas intenções e entendíamos, e em certa medida isso se mantém, que contar a própria história, construir as próprias representações consistem em práticas educativas que provocam deslocamentos na forma, no olhar e na relação das pessoas com a memória, o conhecimento e com a cidade. A perspectiva do patrimônio revelaria uma forma de se apropriar do legado de “um patrimônio de prática quilombista” ao qual “cumpre aos negros atuais manter e ampliar a cultura afro-brasileira” (NASCIMENTO, 1980).

Ao nos depararmos com os estudos de Pereira (2012) sobre o processo de tombamento iniciado em 1992 do “Casarão da Barragem Santa Lúcia” localizado no aglomerado Santa Lúcia

em Belo Horizonte, nos chamou atenção o fato de que havia uma reivindicação de tombamento e transformação em centro cultural por parte de moradores da favela onde o casarão se situa. Porém, a família que morava no casarão fora desconsiderada enquanto interlocutora no início do processo, tanto pelos moradores que mobilizavam as reivindicações, quanto pelo poder público municipal, sob a justificativa de se orientarem em prol do bem coletivo. Isso demonstra que para salvaguardar e proteger, sujeitos podem ser ignorados, isto é, aquilo que baliza o patrimônio é posto acima da subjetividade e até da sobrevivência. Outro fato que nos incomodou é que ao tombar o casarão, a Prefeitura de Belo Horizonte, registra-o com localização no bairro São Bento, área de moradores de classe média alta e não na favela, de onde partiu a reivindicação.

Portanto, entendemos os limites que a noção de patrimônio, mesmo ampliada conceitualmente, imporia a esta pesquisa e consideramos a possibilidade de ampliarmos a discussão acerca da presença negra na memória da cidade de Belo Horizonte a partir da noção de performance, que, segundo Taylor (2013, p.27) “funciona como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social”.

O avançar do percurso formativo e as restritas possibilidades de responder ao problema toando por objeto o patrimônio, e ainda, o contexto da pandemia do novo coronavírus em que foram decretados o fechamento de espaços de possíveis aglomerações, com impacto sobre o calendário anual de ações presenciais do Muquifu, provocaram alterações nessa pesquisa.

Se antes nos orientava a noção de patrimônio cultural afro-brasileiro (PASSOS, NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2016) e a presença de um afro-patrimônio na cidade de Belo Horizonte a partir das ações do Muquifu, agora pretendemos ter como referência a produção negra do repertório de conhecimento na cena cultural em Belo Horizonte, considerando que a *continuidade histórica* propiciada pela performance incorporada na constituição do repertório, amplia e complexifica nossa investigação.

Pretendemos, a partir da perspectiva afrogênica de Walker (2018), ou seja, partindo da história, modos de ser, estar e interpretar o mundo a partir de conhecimento africano e afrodescendente, perceber o protagonismo de pessoas negras e a construção de um conhecimento produzido desde dentro da diáspora. Diante das assimetrias do projeto moderno/colonial, que elaborações e negociações tiveram de ser feitas e quais estratégias mobilizadas para se construir uma cultura negra/afrodiaspórica na cidade de Belo Horizonte, tendo como referência a performance incorporada?

O corpo negro traz tecnologias. Alex Ratts (2006) refletindo sobre o pensamento de Maria Beatriz Nascimento afirma que “[...] o corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem.” (p.59). E ainda que “o corpo negro se move por essa cartografia cultural, consciente ou inconscientemente, em transe ou em trânsito” (p.68). Corpo em performance que produz conhecimento, mantendo e atualizando os modos de existir, produzindo a cultura negra/afrodiáspórica.

Nesse trilhar nos aproximamos da noção de arquivo e repertório de Taylor (2013) que demonstra como o arquivo se constitui a partir da performance do colonizador, que produz ativamente a invisibilização, impedindo que os povos dos territórios invadidos expressassem e transferissem seu conhecimento por intermédio de sua performance. Nesse caso, a escrita é elemento central, pois promove a distância e constitui a ideia de reprodução.

Segundo Taylor (2013, p.49) o repertório “[...] encena a memória incorporada – performances, gestos, oralidade, movimento, dança, canto -, em suma, todos aqueles atos geralmente vistos como conhecimento efêmero não reproduzível”. Ainda para autora, o repertório permite a *agência individual e requer presença*. Percebemos nas perspectivas apresentadas as possibilidades de se compreender que a construção do repertório de conhecimento também se dá pela performance e não num sentido de hierarquizar escrita, documento e corpo. Se optarmos por uma lógica anti-colonial, o arquivo e o repertório podem oferecer continuidades um ao outro.

Entendemos que a performance incorporada manifesta o repertório e configura-se em uma chave de leitura da produção de conhecimento que envolve o construto de uma cultura afrodiáspórica na cidade de Belo Horizonte. O repertório nos permite investigar sobre tradições e influências na constituição da presença negra na memória da cidade.

Palavras-chave: Performance; Memória; Repertório de Conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NASCIMENTO, A. *O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: VOZES, 1980.

NASCIMENTO, M. B. Culturalismo e contra-cultura. *Cadernos de Formação sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira*. Niterói, ICH-UFF, pp.02-06. 1976.

PASSOS, J. C.; NASCIMENTO, T. T.; NOGUEIRA, J. C. O patrimônio cultural afro-brasileiro: São José, um estudo de caso. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, vol. 29, n. 57, pp. 195-214, janeiro-abril 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321862016000100195&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 8 de setembro de 2020.

PEREIRA, Josimeire Alves. *O tombamento do “Casarão da Barragem” e as representações da favela em Belo Horizonte*. 2012. 250f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial. 2006.

TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Tradução: Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2013.

WALKER, S. S. (Org). *Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias*. Tradução: Viviane Conceição Antunes. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.